



## GRAFITE FEMININO, ESCALAS E ATROPELOS

### WOMEN'S GRAFFITI, SCALES AND HANDLES

Carolina Tiemi T. Teixeira<sup>1</sup>

#### RESUMO

É recorrente, no campo do grafite-pixação, o *atropelo*: gíria que expressa a ação de danificar com tinta o trabalho de outrem. No atual contexto brasileiro, os atropelos às intervenções urbanas feitas por mulheres serão analisados através do depoimento de pessoas atuantes nalinguagem, investigando a maneira como recai desigualmente de acordo com o gênero, estabelecendo segregações e verticalidades pelo espaço urbano. A investigação do fenômeno parte da noção de escala e de *violência expressiva* criada por Rita Laura Segato, entendendo as ações de retaliação exercidas por pares masculinos - para além de meros atos com finalidades instrumentais imediatas - como um sistema simbólico onde vigoram regras implícitas. Em um segundo momento abordaremos os atropelos do grupo PIXOPUTAS e a reação em forma de manifesto da grafiteira Verônica Nuvem (V).

#### PALAVRAS-CHAVE

Graffiti; Território; Gênero; Violência expressiva.

#### ABSTRACT

It is common to occur, in the field of graffiti and “pixação”, the slang: trampling, which expresses the action of painting over another artworks. On the current brazilian context, the trampling on urban interventions by women will be analyzed through the testimony of people who work in language, investigating how they unequally affect according to gender, establishing segregations and verticalities throughout the urban space. The phenomenon investigation starts from the notion of scale and expressive violence created by Rita Laura Segato, understanding the actions of retaliation performed by male pairs - beyond mere acts with immediate instrumental purposes - as a symbolic system where implicit rules prevail. In a second moment we will approach the PIXOPUTAS members atrocities and the reaction as manifest made by Verônica Nuvem a graffiti artist (V).

#### KEYWORDS

Graffiti; Territory; Gender; Expressive violence.

### ABRINDO CAMINHO COM AGRESSIVIDADE

---

<sup>1</sup> Carolina Tiemi T. Teixeira é grafiteira, artista visual, educadora e dançarina. Graduiu-se em Ciências Sociais – Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP) e é mestranda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Integra os coletivos Periferia Segue Sangrando e Fala Guerreira! Realiza residência artística autônoma “Útero Urbe”, ativando rodas e ações de intervenção urbana coletivas, discutindo território e corporalidade de uma perspectiva feminina. Contato: [paracarolzinha@gmail.com](mailto:paracarolzinha@gmail.com).



Fazendo uma crítica pertinente ao campo das ciências sociais que muitas vezes partem da ideia de um espaço geográfico ontológico, Smith (1993) propõe a consideração do elemento primevo de sua constituição: **a escala geográfica**. É esta que define as fronteiras e transpõe as identidades ao redor da qual as forças sociais entram em embate ou cooperação, e diante da qual o controle é posto em ação e contestado. Socialmente construída, a escala é o critério de diferença, não tanto entre lugares, mas entre diferentes tipos de lugares: o corpo, a comunidade, a região, a nação – para citar alguns exemplos. Nesse sentido, considera que a escala duplamente produz e é produzida pela interação social, sendo um lugar potencial de intensa luta política. A investigação da escala fornece-nos instrumentos para compreender as conexões da diferença espacial, mas também nos aponta a criação de uma linguagem. Em relação à sua concepção, segundo o autor, “a escala geográfica é produto da hierarquização das paisagens social, cultural, econômica e política do capitalismo contemporâneo e patriarcal” e seria “uma candidata à extinção em uma geografia social revolucionada” (SMITH, 1993, p. 23).

Sendo o lugar onde culturalmente centram-se as significações de gênero, a escala do corpo é o eixo onde a preocupação em torno de sua manutenção e reprodução, ao mesmo tempo que o acesso e controle de seus limites têm se tornado cada vez mais presente. Mobiliza-se, notadamente a partir dos anos 70, a reivindicação da ampliação da escala do corpo das mulheres na sociedade ocidental, através do avanço do movimento feminista em toda sua diversidade de demandas. Isso significou uma luta pela ampliação tanto da mobilidade e atravessamento de territórios que antes eram proibidos, como a via de acesso à uma linguagem, ao trânsito das ideias, e à autonomia sobre o próprio corpo. Atualmente, ainda são tímidas questões como o debate sobre os direitos reprodutivos, o acesso ao aborto legal e seguro...E as ruas continuam perigosas à integridade física das mulheres. Seria fastidioso colocar aqui as centenas de estatísticas que evidenciam a vulnerabilização sistemática da escala corporal feminina e as tentativas reiteradas de tutelar – de fora – esse lugar em disputa na sociedade. Seja pela legislação ou através da ampla e inconsequente patologização do corpo feminino (que relegaram processos naturais e cíclicos à medicalização alopática sem precedentes), o confinamento é, também, permanentemente colocado em questão pelas mulheres através de reivindicações que ganham as ruas e ecoam até mesmo nas escalas micropolíticas, como a casa e a família.



No cenário do sistema grafite-pixação<sup>2</sup>, que pressupõe a capacidade de mobilidade pela cidade para a efetivação das pinturas, é notável como inúmeros fatores reduzem em larga medida a escala do corpo feminina. A violência urbana aliada à violência de gênero; a imposição da família pelo recato da filha – que não pode sair para a rua como os homens de sua geração; a pressão dentro do próprio movimento que restringe, pela coerção, muitas vezes velada, a expressividade das mulheres, como narra Ana Clara Marques:

Eu lembro que tinham murais gigantes e o meu desenho saía “desse tamanho”. Eu falava: “Meu! Isso quer dizer alguma coisa, estou me sentindo pequena velho, estão me diminuindo, eu não posso me deixar diminuir”. Por que o meu fascínio pelo grafite, era o grande, era o espaço. Era: “Eu consigo fazer qualquer coisa nesse mundo, e eu estou cada vez... cada vez mais diminuindo a minha arte”. Foi a hora que eu falei: “Não, num dá!”. Foi... o último mural, acho que foi o de Santa Cecília, que o Maomex que organizou. Aí eles me colocaram pra pintar lá no pico, acho que eram quatro andares de andaime, me colocaram ainda lá em cima, tipo: “Ah! Você quer pintar? Então vai pintar”. Eu lembro que tinham mais duas meninas pintando. Mas eu lembro que eu fiz, aí eu olhei... aí quando eu desci e olhei... o desenho ficou muito bacana. Era uma mulher em cima da nuvem flutuando, aí eu falei: “Está desse tamanho velho, que... que eu fiz velho?”. Aí eu fui resgatando, aí eu fui: “Nossa! Tô me diminuindo mesmo”. Aí foi quando eu parei (Ana Clara Marques, 2019).

Um dos fatos mais corriqueiros e alarmantes quando analisamos o sistema grafite-pixação a partir de uma perspectiva de gênero - e que também se tornam evidentes nas cartografias realizadas pela residência artística autônoma Útero Urbe<sup>3</sup>, *locus* dessa investigação - é a violência expressiva dos atropelos como um incômodo permanente, afetando consideravelmente a maneira como as mulheres se colocam no espaço público. A palavra atropelo, que significa “passar por cima”, “colidir” ou “abrir caminho com agressividade”, no campo da intervenção urbana, acontece quando uma pessoa cobre ou respinga tinta,

<sup>2</sup> Utilizo a noção de sistema-grafite de Armando Silva, que entende o campo compreendido pela linguagem do grafite como uma série de valências e imperativos que se inter-relacionam. Adaptei o conceito para o particular caso brasileiro, onde o grafite e a pixação possuem uma matriz inseparável – apesar de apresentarem algumas diferenciações em sua lógica interna de funcionamento. O autor propõe também que se utilize o termo na sua grafia em linguagem corrente, popular: grafite ao invés de *graffiti*. Para aprofundar essas e outras questões consultar: SILVA, Armando. **Atmosferas Urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos**. São Paulo: Sesc, 2014.

<sup>3</sup> A investigação sobre a perspectiva de artistas que buscam narrativas fora dos discursos hegemônicos da instituição arte entra em consonância com o objeto de minha pesquisa, que tem como recorte os encontros de mulheres da residência artística Útero Urbe – realizada por mim entre 2014 e 2018 nas cidades de João Pessoa, São Luís do Maranhão, São Paulo e Cidade do México -, disparadores de processos criativos que buscam configurar deslocamentos profícuos frente à narrativa hegemônica acerca da linguagem do grafite, procurando suplantando a distribuição de gênero desigual de suas inscrições pela paisagem urbana. Assim, busca trazer à tona, através de processos artísticos de cartografias coletivas e das oficinas de grafite, as camadas que revelam os fluxos de invisibilidade/visibilidade feminina na cidade, transformando-as em força motriz das intervenções propostas.



danificando o trabalho de outrem que pintou antes, na maioria das vezes deixando entrever o trabalho anterior para marcar a agressão. A expressão popular já está incutida no senso comum de quem atua nas ruas, mas é bastante revelador questionar os praticantes como interpretam o fato – quando atropelam ou quando são atropelados. Ao perguntar a três pixadores do sexo masculino, atuantes da cidade de São Paulo, Canecas (CNCS), Dents (SapCrew) e Dimy, a resposta foi uníssona: “É zuado, porque tem espaço para todo mundo”. Dimy acrescenta o fato de que o atropelo pode, também, ser o instrumento de quem pixa/grafita para contestar algo ou alguém que considera necessário criticar, sendo uma resposta à injustiça da verticalização imposta pela urbanização. Segundo o grafiteiro Bruno Perê, em entrevista no ano de 2019 na cidade de São Paulo, atropelar:

(...) Significa estabelecer uma relação de poder e domínio sobre um espaço. Atropelo é uma das regras do jogo, de quem escolha participar do mesmo, mas as relações na cidade se sobrepõem umas às outras dependendo do grau de influência, de relevância e poder sobre o espaço em disputa. O atropelo pode ser uma provocação, um recurso, um diálogo ou até mesmo uma violência. Se existe o atropelo, existe também a possibilidade do não-atropelo. Que também, dentro dessa lógica do jogo pode significar um respeito com quem esteve no mesmo espaço só que antes. Escolher não atropelar pode ser uma tática de ocupação de territórios onde mais espaços se abrem, ou seja, a disputa está na quantidade de lugares ocupados e não na disputa de um único espaço limitador. Estamos numa transição e em um achatamento dessas relações de poder na rua, com o aumento de murais monumentais na cidade as proporções dessa disputa por espaço ganham um novo patamar, pois a estrutura se torna elemento decisivo na desproporção das forças... Assim como a criação de espaços exclusivos para a prática das intervenções urbanas, mudando assim toda a dinâmica e lógica do atropelo. Eu queria dizer que atropelo só vale para o baixo clero (Bruno Perê, 2019).

Para o grafiteiro e poeta Daniel Minchoni, em entrevista realizada também no ano de 2019:

A rua tem regras de conduta intuitivas, elas mudam com o tempo. Mas atropelar, que antes era até escrever perto ou entre, mudou e prática de encaixe ficou bem mais tranquila. Ainda assim, atropelar significa desrespeitar a outra pessoa ou crew, simbolicamente é uma grande provocação. Mas como nem sempre é proposital, geralmente a pessoa faz um esforço antes de virar uma treta, se ainda assim a pessoa reatropelar aí indica uma vontade de tretar, um desrespeito ao corre do outro (Daniel Minchoni, 2019).

Outro grafiteiro, residente da zona norte de São Paulo (Vila Brasilândia), Chellmi:



Atropelar um trampo na rua é criar uma espécie de tripé incompreensível, tripé esse que se dá através da (falta de respeito, ego extremamente afetado pelo que se sente incapaz e compreensão equivocada sobre individualismo e coletividade). O muro é somente o resultado de tal tripé citado. Questões referentes ao caráter, a vaidade, o estrelismo e tantas outras ultrapassam as referências de Arte nas ruas. Dividir um muro sem apagar o espaço de outra pessoa se aproximaria do ideal, mas uma vez que o real está extremamente ligado a posse, ao poder, aos acúmulos, a rua também vira palco destas disputas e quereres, sendo assim, as consequências são inúmeras: brigas, mortes, reatropelos, vinganças e tantas outras coisas que o universo da competição provoca (Chellmi, 2019).

É interessante notar como essas narrativas revelam aspectos do atropelo como inserido em uma dinâmica própria da cidade, e mais ainda, como localizado na escala entre vizinhos, no âmbito da relação pessoal - e que pode acionar modos de vingança sistemáticos. Como chama a atenção Bruno Perê, as formas de planificação urbanas hegemônicas estruturam uma outra lógica – a lógica do mercado – e o atropelo pode ser uma afronta a essa organização realizada no plano individual, corpo a corpo. No entanto, afloram também, nessa perspectiva, modos violentos de disputar o território em contextos de abismos entre as diferentes escalas da cidade. Isso é recorrente quando o trabalho foi feito por uma mulher. São muitas e cotidianas formas de “abrir caminho com agressividade” sofridas pelas grafiteiras, e se considerarmos que um grafite é a extensão do corpo de uma pessoa, entendemos que a forma como a sociedade significa os corpos femininos (e os violentam, por tabela), nos dizem muito sobre os atropelos cotidianos.

Tomo de empréstimo a concepção de *violência expressiva*, construída por Rita Laura Segato para aludir à maneira como, no caso específico das expressões de rua, o “atropelo” diz respeito a um ato que reforça a solidariedade entre pares, os homens do circuito. A noção, surgida a partir da investigação de territórios com índices alarmantes de feminicídios (como o caso de Ciudad Juarez, México, tratado pela autora), apresenta a forma como a intensa escalada de pobreza e aniquilamento da vida pela precarização neoliberal aumenta o subjugo da condição feminina. Assim, os homens da localidade realizam a guerra **através** do corpo das mulheres, **inscrevendo**, nesse território, as marcas do poder. A autora alude à forma como a construção da masculinidade está configurada como *potência*. Dominar territórios e colonizar são a sua conduta por excelência. Muito além de uma resposta individual ou moral frente ao trabalho de outrem, a violência expressiva se efetiva quando referente ao campo



social mais amplo. Dessa maneira, simbolicamente, danificar o trabalho de uma mulher torna evidente a vulnerabilização e diminuição da escala feminina em um meio onde, de maneira tradicionalmente “pedagógica”, se aprende a postura viril de dominar territórios ocupando grandes áreas com a assinatura, mesmo se for preciso escalar, correr, conquistar.

A diferencia de la “violencia instrumental”, necesaria en la búsqueda de un cierto fin, la violencia expresiva engloba y concierne a unas relaciones determinadas y comprensibles entre los cuerpos, entre las personas, entre las fuerzas sociales de un territorio. Es una violencia que produce reglas implícitas, a través de las cuales circulan consignas de poder (no legales, no evidentes, pero sí efectivas) (SEGATO, 2013).

Na capital de São Paulo, para citar um caso exemplar, uma grif<sup>4</sup> chamada PIXOPUTAS ficou conhecida por espalhar pelas ruas suas imagens alinhadas à extrema direita, com expressões que aludem ao neofascismo e à misóginia. Há alguns anos, se especializaram em atropelar grafites feitos por mulheres com desenhos irônicos e personagens em forma de homens-palito, com os dizeres “É tudo puta”. O grupo foi denunciado e exposto por coletivos de mulheres em 2015, parando de agir com mais veemência. No entanto, continuam com as páginas nas redes sociais, onde articulam a postagem de fotos de grafites de cunho machista, com apelos racistas e os tradicionais bodypaintings: pinturas corporais feitas em mulheres nuas, geralmente com a tag<sup>5</sup> ou assinatura do grafiteiro em poses de objetificação sexual. Ainda no ano de 2015, a grafiteira Verônica Nuvem (V), umas das vítimas de atropelo da grif, articulou a escrita de um manifesto assinado por diversas mulheres na época. A discussão extrapolou as ruas e se espalhou pelas redes sociais, onde também foi acompanhada por um público mais amplo. O manifesto, na íntegra:

Venho aqui relatar um caso de machismo e misoginia bem grave que aconteceu na cena da arte de rua na cidade de SP. A pouco tempo atrás descobri um pixo nos muros da cidade: “é tudo puta”. A piada é zoar e desrespeitar mulheres utilizando o “pixo” para isso. Claro que sabemos que problema não é ser puta, mas sim um homem usando uma palavra de forte cunho pejorativo (como disse Gabriela Leite fundadora da Daspu, “puta na nossa sociedade significa menos que nada”) em forma de piadinha pelas ruas. Descobri sendo marcada por um amigo numa foto do Instagram do “pixador”. Eu e outras mulheres entramos numa discussão apontando como esse pixo era uma violência simbólica, e que da simbólica é um passo pra física. Isso num país onde o panorama é uma mulher sendo assassinada a cada uma hora e meia por homens. Só pra

<sup>4</sup> Grif é um grupo de pixadoras e pixadores que assinam sob o mesmo nome.

<sup>5</sup> Assinatura da grafiteira (o) ou pixador (a).



situar. Disse que o pixo expõe a segurança de quem está sendo alvo da piada. Porque se "é tudo puta" é tudo puta e foda-se. Que o machismo mata, humilha, diminui todos os dias principalmente mulheres negras e pobres. A partir daí recebi uma chuva de chorume de seus amigos e seguidores. "Vai chupar uma rola pra se acalmar", "deixa essa puta aí falar" "ela queria um pinto no lugar de racha", "é só uma puta" e coisas do tipo e tenho print de tudo. Esse pixo, inclusive, estimula posturas assim e eu estava comprovando na prática. Só que depois disso, o cara saiu do campo da web e passou a me perseguir na rua. E como você agride e humilha uma grafiteira? Atropela o trampo. Atropela todo o trampo dela que encontrar no caminho. Aí vem a pergunta: Será que isso aconteceu por eu ser mulher? Será que se eu fosse um macho ele teria saído na rua levando os pixos ou graffitis do cara? A gente sabe que não. Eu não atropei nenhum trabalho e poderia ter feito isso, pois sei onde tem vários, mas não fiz, porque a lei da rua é essa, isso se chama respeito. Fiquei muito mal com isso, me sentindo humilhada, não conseguia acreditar, não fazia sentido! Mas passados alguns dias me levantei, e foi com a ajuda de outras mulheres. Mulheres incríveis que me mostraram que eu não estou sozinha. Minas do graffiti, da velha e da nova escola, de movimentos sociais, estudantes, minas de todo o tipo de correria possível e, sim, alguns homens firmeza também estão me apoiando, homens que conseguem se por no lugar das mulheres, que enxergam além do gênero. E assim consegui transmutar esse fato tão ruim em algo positivo. Agora estamos nos organizando pra ações de rua educativas, com colagem de lambes e stêncil contra o machismo, e outras coisas também estão se articulando a partir desse episódio. Por fim, entrei também em contato com o "pixador" depois de descobrirmos o Facebook pessoal dele, porque a gente descobre tudo. Após conversarmos ele me pediu desculpas, disse que o "pixo" era agressivo mas que ele não queria ser agressivo com mulheres e eu disse que as desculpas não tinham que ser só pra mim, tinha que ser pra todas as mulheres, pois quando ele me agrediu, ele agrediu a todas, então que viesse a público se retratar. Também disse que ele me devolva as tintas dos meus 4 graffitis que ele levou incluindo o da 23 de maio, mas essa questão ainda está em aberto por que ele disse que foi mandado embora do emprego. E por fim que ele PARE de expor e zoar as minas usando a rua e o pixo pra isso. Pois ele pode falar tantas coisas, a rua não é espaço pra discurso de ódio e pra reforçar opressão. A rua, a arte, é pra libertar. Que esse fato sirva pra todos os caras que ainda tem o ranço machista, repensem seus privilégios e terem o maior respeito do mundo com todas as mulheres. Machismo não é só espancar e estuprar mulher não. É diminuir, silenciar, humilhar, ignorar, priorizar os caras em detrimentos das mulheres, tratar mulher como objeto, e isso eu vejo por todo lado, muito próximo a mim e principalmente na cena do graffiti e arte de rua. E já não vai mais passar batido. Não passarão mesmo. Homem é pra ser companheiro, parceiro e não algoz. Pras meninas e mulheres, deixo meu abraço apertado. Não precisamos dos caras pra sermos mulheres incríveis, é difícil eu sei, o tempo todo temos que ser aceitas nos meios masculinos, que eles comandam, que eles criam as regras. Mas não vamos reproduzir isso, mulher tem que se ajudar e não ficar competindo. Temos que estar conscientes do nosso lugar, e o nosso lugar é em todos os lugares.



Quando a gente começa a se empoderar, é muito transformador, muito forte, e precisamos passar essa força umas pras outras. Nenhuma pode ficar pra trás. E agora, mais do que nunca: mexeu com uma, mexeu com todas (NUVEM, 2015).



Figura 1 - NUVEM, V. *Atropelo Pixoputas*. 2015. Fonte: <https://www.instagram.com/nuvemv/>. Acesso em: 08 dez. 2018.



Figura 2 - NUVEM, V. *Atropelo Pixoputas*. 2015. Fonte: <https://www.instagram.com/nuvemv/>. Acesso em: 08 dez. 2018.



Por um período, as ações da grif PIXOPUTAS diminuíram e atualmente se restringem a algumas intervenções e postagens, ainda com cunho misógino, nas redes sociais. O debate estabelecido na época abriu reflexão sobre o caráter violento e direcionado dos atropelos, de acordo com o gênero. E fortaleceram de forma incipiente a rede de proteção das grafiteiras, trazendo à tona a urgência de abrir as camadas de significados em torno dos atos de retaliação, não como fatos isolados, mas como ações articuladas, simbólicas e que produzem territorialidades.

### Referências

NUVEM, Verônica. **Agressões machistas e misóginas nas ruas de SP**. Disponível em: <[https://www.facebook.com/search/top/?q=nuvem%20pixoputas&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=nuvem%20pixoputas&epa=SEARCH_BOX)>. Acesso em: 28 jul. 2019.

SEGATO, Rita Laura. **La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juarez**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

SMITH, Neil. Homeless/Global: Scaling Places. In: **Mapping The Futures: Local Cultures, Global Changes**, Routledge, London, 1993. Tradução: Nilo Lima/junho de 1995. Cap.6.